

o tempo nas palavras

ANTÓNIO ALÇADA BAPTISTA

Sempre tive muita dificuldade em compreender a paixão amorosa mas tenho que reconhecer que ela existe embora esteja talvez em declínio. Denis de Rougement diz que a paixão é uma consequência dos interditos. A Piera Aulaguier, uma psicanalista francesa que já morreu, considerava a paixão amorosa uma psicose que estudava juntamente com outras paixões: a do jogo, a da droga mas, no meu entender, esqueceu uma que me é evidente: a paixão do poder.

Hoje, nas sociedades ocidentais, está mais ou menos assente que a relação obsessiva com o poder é uma forma de psicose. Hitler, Staline, Mussolini estavam possessores desse fantasma do poder a que sacrificavam tudo e nem a vida humana podia parar a força dessa paixão. Eu acho que, em relação ao poder, a democracia instalou uma espécie de fronteira cultural que impede os que atingem o poder de o manter indefinidamente. No fundo, creio que a paixão do poder é qualquer coisa que está adormecida e que, perante circunstâncias favoráveis, subitamente se revela. Os tiranos não são loucos, vão enlouquecendo. É possível que, se as circunstâncias não lhes tivessem oferecido a oportunidade, eles ficassem como cidadãos comuns. É uma força disparada do interior.

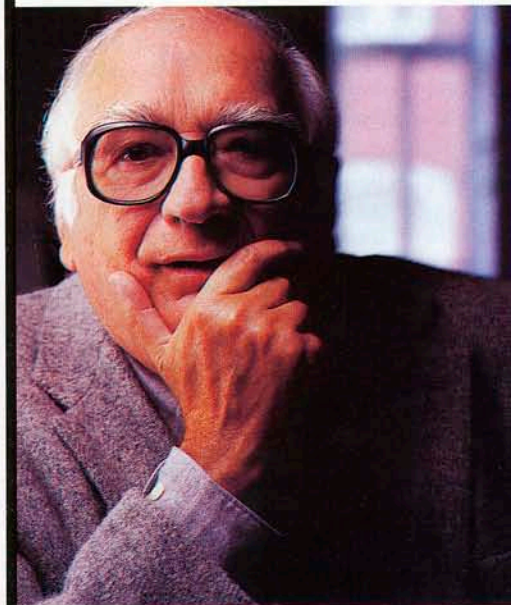
A paixão amorosa foi glorificada pelas artes e, tenho que reconhecer, que muitas obras-primas foram fruto da paixão. Lembro sempre o caso de Rilke, que era um poeta banal até se apaixonar por essa mulher invulgar que foi Lou Andreás Salomé. Os surrealistas diziam que o amor é uma força, uma energia. Importa pouco a permanência daquele ou daquela que a suscita.

Eu acho que o amor e mesmo a própria sexualidade, antes de ser a tal força misteriosa ou até uma fisiologia, é talvez uma cultura que interage com a natureza humana e com o grupo social em que estamos inseridos. E isso motiva uma aproximação diferente da situação amorosa em cada um de nós. Há aqueles que se sentem tomados por um amor louco, que foge ao comando do eu e a que as pessoas se entregam como uma justificação da própria vida. Há também os que não se deixam dominar pela paixão e que procuram não retirar a razão de todos os momentos da vida. De resto, parece importante lembrar que estamos a falar de uma realidade cultural própria do Ocidente e que, noutras culturas, a relação amorosa se passa de outra maneira.

De qualquer modo, sinto que já não se fala tanto nos grandes amores. Digamos que vivi um ponto alto do amor-paixão. Lembro-me que Eduardo VIII trocou o trono por uma mulher divorciada, não especialmente bela, que a Piaf teve um amor louco pelo *boxeur* Marcel Cerdan e que, por causa dele, cantou o *Himne à l'amour*. Depois, havia o Bogard e a Bacall, o Clark Gable e a Carole Lombard, a Zelda e o Scott Fitzgerald, o Yves Montand e a Simone Signoret e que todos estes amores eram notícia nas revistas que hoje noticiam meros casos sem assomos de loucura.

Creio que a quebra dos interditos tem também alguma responsabilidade neste ocaso da paixão amorosa. Lembro-me do tempo em que tudo era proibido, que a mulher vivia sobre a mais apertada vigilância, que a relação com o corpo era uma inexpugnável floresta de pecados. O desejo comandava os sentimentos e havia o mito "do homem e da mulher da minha vida". Não me parece que o amor tenha perdido com este declínio do amor-paixão. E se, como a paixão do poder, a paixão amorosa for verdadeiramente uma psicose de que as pessoas precisam libertar-se?

PEDRO FERREIRA



aabaptista.maxima@edimoda.pt

A paixão amorosa